

LIVRO DO MÊS

# Em coma!

**Donny Herbert ficou em coma durante dez anos por causa de um incêndio. Um dia, ele despertou...**

**POR RICH BLAKE**

DE "THE DAY DONNY HERBERT WOKE UP"

**“Donny está aí?”**, gritava Joe Brocato, do sótão da casa em chamas em Buffalo, Nova York. “Alguém viu Donny?”

O bombeiro Donny Herbert, 34 anos, acabara de rastejar pelo sótão enfumaçado, na tentativa de abrir uma janela para ventilação, mas ninguém conseguia encontrá-lo agora.









Os bombeiros vinham lutando contra um incêndio de origem elétrica na casa de madeira de número 21 da Avenida Inter Park por quase quarenta minutos, em 29 de dezembro de 1995, quando uma viga do forro do teto cedeu. Todo o telhado da casa desmoronou. Neve, gelo, vigas, paredes de gesso, fuligem e camadas de isolamento, tudo ruiu.

Donny usava um equipamento completo, inclusive um tanque de ar. Mike McCarthy, que estivera no sótão perto de Donny, foi retirado dos destroços. Após observar a cena, gritou: “Vocês viram Donny Herbert?”

Nenhum dos outros bombeiros havia visto.

Uma fileira de homens começou a repetir: “Alguém viu Donny?”

Mesmo assim, não houve resposta. Isso fez com que o chefe interino da divisão, Joe Brocato, iniciasse as chamadas. Os canais de rádio ficaram disponíveis para os bombeiros em toda a cidade a fim de alertar que um colega estava em apuros.

“Homem em perigo!”, gritou o capitão Tony Page. “*Mayday, Mayday*. Homem em perigo!”, repetiu.

“Ele estava bem ali”, disse, ofegante, McCarthy, apontando para a última posição em que vira o amigo, uma pilha de escombros que se espalhava por uns dez metros. Enquanto Brocato e Page ordenavam a colocação de escadas pelo lado de fora da janela do sótão, dois bombeiros cortavam as vigas com um machado, na tentativa de encontrar algo, qualquer coisa, em meio aos destroços.

Por fim, encontraram Donny. Ele estava preso sob uma viga, sentado, com a cabeça inclinada para a frente, num ângulo de 90 graus.

Retiraram-no dali, afastando pedaços de entulho de seu corpo, e lhe fizeram respiração boca a boca. Então ele foi levado às pressas para o jardim da frente da casa, onde recebeu oxigênio e foi feita ressuscitação cardiopulmonar.

O veterano bombeiro estava cinza, fraco e em situação crítica. Achava-se inconsciente e não respirava. Uma ambulância levou-o até o Centro Médico do Condado de Erie. Donny ficara sem oxigênio por cerca de seis minutos.

## Rara premonição

**O peso do mundo** parecia pressionar Donny Herbert nos meses que antecederam dezembro de 1995. Ele chegara ao trabalho às seis da tarde do dia 28 de dezembro para iniciar o turno da noite. Às 11 e meia, ligou para a mulher, Linda, da quietude da cozinha vazia.

- Não consigo dormir - disse. - Converse comigo.

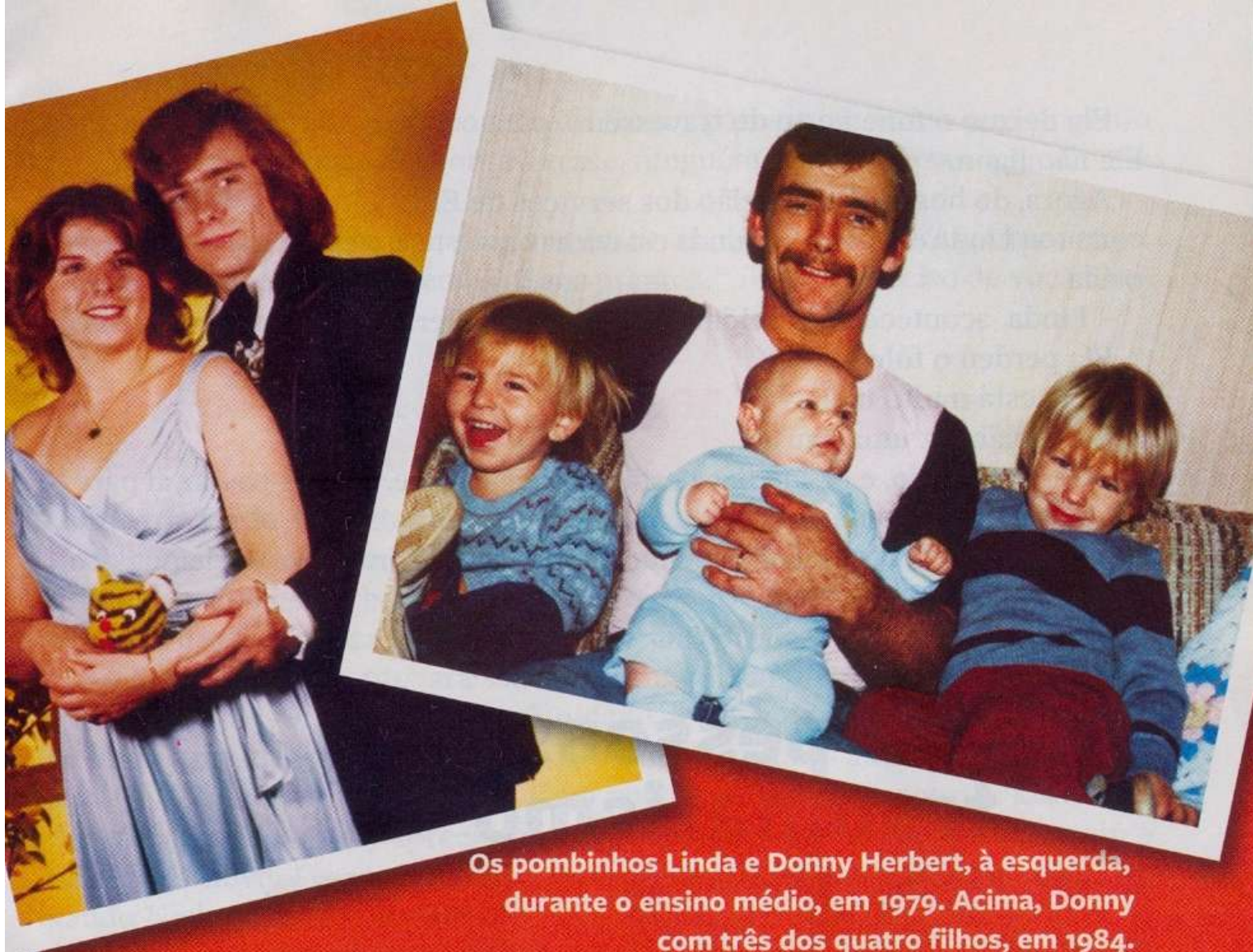
- O que há de errado, Don?

- Não sei.

Ele fez uma pausa. Parecia estar contendo o choro.

- Don, você está bem? - perguntou Linda.





Os pombinhos Linda e Donny Herbert, à esquerda, durante o ensino médio, em 1979. Acima, Donny com três dos quatro filhos, em 1984.

Algo parecia errado, respondeu ele, sem conseguir dizer o quê. Linda atribuiu a melancolia do marido ao estresse. Donny tinha paixão por seu trabalho de bombeiro – o qual, além dos quatro filhos do casal, constituía o foco principal da vida dele –, mas ultimamente as coisas pareciam confusas. A casa passava por um estágio infundável de reforma e consertos. O dinheiro andava curto. O filho mais velho, Don Jr., era calouro na escola secundária e eles planejavam dar uma festa de aniversário para o caçula, Nick, que acabara de completar 4 anos. Tommy e Patrick, os dois do meio, tinham incontáveis atividades. E o assoberbado corpo de bombeiros vinha combatendo grande quantidade de incêndios perigosos.

Após quase quinze anos de casamento, Linda sentia que Donny tinha de diminuir o ritmo.

– Preciso de você aqui – ela lhe disse. – Os meninos também.

– Você está certa. É hora de fazer algumas mudanças. Tenho de desacelerar. Eles falaram ainda um pouco mais, e Donny afirmou que retornaria de manhã.

– Se quiser, me ligue, não importa a hora, tá, querido? – despediu-se Linda.

– Te amo.

– Também te amo.



Ela deixou o fone perto do travesseiro, para o caso de Donny tornar a ligar. Ele não ligou.

Agora, do hospital, o capelão dos serviços de Emergência, padre Joe Bayne, contatou Linda em casa. Ela ainda estava na cama, mas atendeu na segunda chamada.

- Linda, aconteceu um acidente... Donny está ferido.

Ela perdeu o fôlego.

- Ele está muito mal?

O capelão fez uma pausa.

- Tem pulsação, e os médicos estão cuidando dele. Vamos passar aí para te pegar. Alguém pode tomar conta dos garotos?

Linda vestiu o robe e saiu correndo do quarto. Don Jr. ouvira o telefone e saiu de seu quarto.

- O que houve? - indagou.

## **Poucas pessoas com traumatismo craniano recuperam-se do coma.**

- Seu pai se feriu num incêndio - respondeu Linda. - Acho que é grave.

Ela se esforçava muito para permanecer calma, tanto por si mesma quanto pela família. Quando o padre Joe e o vice-comandante dos bombeiros apareceram na entrada da garagem, Linda foi ao encontro deles. As sirenes gritavam quando partiram em disparada para o hospital. Ela rezava: "Por favor, meu Deus, faça com que Donny esteja bem. Por favor..."

Na Emergência, Linda encontrou o marido numa salinha, ligado a um respirador, a um eletroencefalógrafo e a um eletrocardiógrafo. Seu rosto apresentava algumas escoriações, mas Linda sabia que a situação era bem pior do que isso. "Ele estava completamente imóvel", lembrou depois.

O Dr. Alan Posner, traumatologista, relatou a Linda sua preocupação com a perda de oxigênio e a lesão no cérebro. Os eletroencefalogramas mostravam uma atividade elétrica cerebral anormalmente baixa. Além da pancada na cabeça, o coração de Donny parara por alguns momentos. A máscara que usava tinha sido deslocada, o que tornara inútil o tanque de ar. Sua cabeça e o pescoço haviam sido hiperestendidos, empurrados para a frente pela viga. Resultado: asfixia lenta.

Quanto mais tempo o corpo fica sem oxigênio, maior o risco de lesão cerebral e morte. Quem sobrevive à falta prolongada de oxigenação pode emergir



em condição vegetativa permanente. E Donny parecia ter ficado sem oxigênio por quase seis minutos. Se sobrevivesse, ninguém saberia prever a gravidade das sequelas.

Sua pulsação estava fraca; os sinais vitais, quase nulos. “Aguenta firme, Donny”, suplicou Linda, trêmula e aos prantos. “Te amo. Preciso de você. Precisamos de você.”

## **“Vamos aceitar qualquer coisa que aconteça.”**

**Numa fria tarde** de sexta-feira antes do Natal de 1986, Donny Herbert beijou a mulher, abraçou com força os três filhos pequenos e saiu para cumprir seu primeiro turno como bombeiro, num dos dias de maior orgulho de sua vida. O jovem de 25 anos era o primeiro da família a ingressar naquela profissão.

Ao longo dos anos, provara seu valor, conquistando prêmios por destemor e bravura. Em 1991, entrou para a Unidade de Resgate 1, que responde por incêndios em estruturas, colisões de automóveis e outros acidentes. No mesmo ano, nasceu seu quarto filho, Nick. Com poucos dias de folga entre as idas e vindas do trabalho, Donny apreciava os momentos “picados” que passava com o filho mais novo. Pescavam juntos, liam juntos, Donny era doido por ele, levando Nick a todos os lugares.

Agora Linda não sabia ao certo como dizer aos filhos que o pai deles, aquele homem alegre, que amava a vida, estava envolto numa névoa, morto para o mundo.

As estações locais de TV mostraram repetidamente o filme do dramático resgate de Donny. Em casa, sob os cuidados da mãe e da irmã de Linda, os quatro meninos, chocados, não tiravam os olhos da televisão. A família tentava manter a esperança. “O pai de vocês está recebendo todos os cuidados médicos de que precisa”, disse a irmã de Linda. Os meninos estavam arrasados, à exceção de Nick, jovem demais para compreender a gravidade da situação. Apenas queria o pai.

Com o passar das horas, Donny agarrava-se à vida no hospital. Tudo o que Linda podia fazer era se preocupar e rezar. “Por favor, meu Deus, traga-o de volta para nós. Por favor...” Para ela, os dias seguintes transcorreram numa torrente interminável de lágrimas.

Todo um batalhão de bombeiros, para prestar serviços desde motorista a zelador, foi posto à disposição de Linda, que corria num incessante vaivém entre sua casa e o hospital. Depois do Ano-novo, os médicos diagnosticaram um dos tipos mais graves de traumatismo cerebral, causado pela privação de oxigênio e pela pancada na cabeça. Ao que parecia, a maior parte do cérebro de Donny fora apagada no acidente.



No início de janeiro, seus sinais vitais começaram a se estabilizar, e às vezes ele parecia bocejar ou até sorrir. Movia os braços e, de vez em quando, até tentava falar. Tecnicamente, Donny saíra de um estado comatoso, mostrando ciclos distintos de sono e vigília. Embora isso fosse encorajador, ele reagia bem pouco ao ambiente ao seu redor.

Linda continuou suas orações, enquanto chegavam cartões e cartas de toda a cidade. O padre Joe trazia guloseimas da padaria local com tanta frequência que Linda e os meninos passaram a dizer que os doces não engordavam porque estavam bentos.

Em meados de janeiro, Donny foi retirado do respirador e, para surpresa dos médicos, respirava extraordinariamente bem. Conseguira chegar até ali, 19 de janeiro, sem nenhum revés ou infecção. Linda, por sua parte, passara de um choque paralisante para uma exausta recuperação.

E repetia para as pessoas: “Vamos aceitar qualquer coisa que aconteça. Sei que há um motivo para ele estar conosco.” Apegava-se a qualquer resquício de Donny que conseguia, não importava o quê. E dizia aos soluços à sua melhor amiga, Luanne: “Preciso dele aqui. Seja de que modo for.”

No início de fevereiro, Donny foi transferido para uma ala de reabilitação para pacientes com traumatismo craniano agudo. Estava consciente, mas não reagia. Podia estender os braços e até ficar de pé com ajuda. Embora às vezes abrisse os olhos, permanecia envolto numa névoa.

Na primavera de 1996, Linda o havia transferido para o Solar Padre Baker, uma unidade de tratamento de longo prazo nos arredores de Buffalo. O tempo foi passando – ano após ano –, e os filhos de Donny Herbert cresceram, em grande parte sem ele.

## Não acredito!

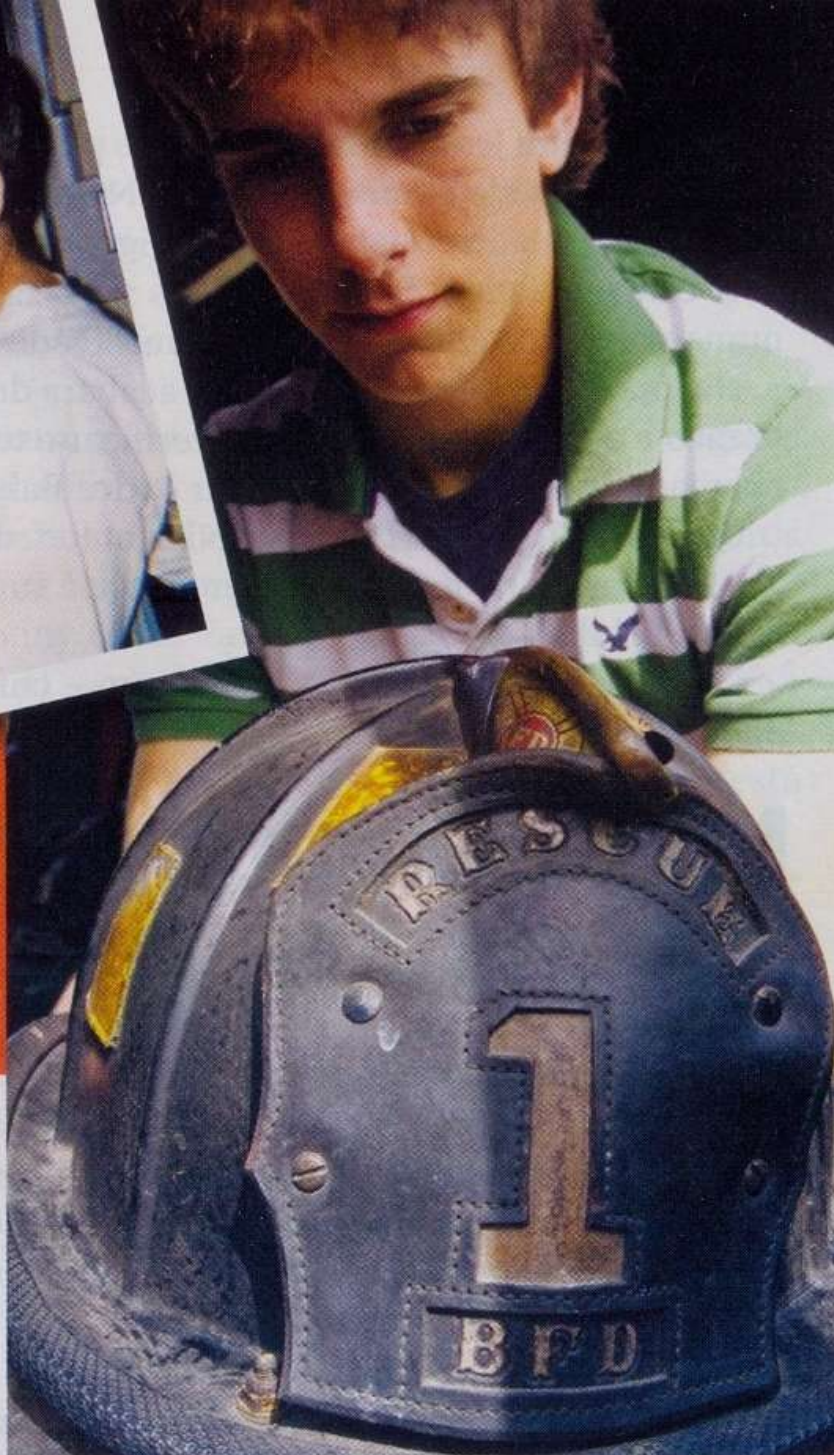
**Foi no início de 2005**, numa das visitas a Donny, que Linda notou que ele parecia estar chorando. Os médicos consideraram isso um sinal positivo: Donny Herbert ainda continuava em algum lugar distante. Seu coração batia. Seu sangue circulava. Seus pulmões cumpriam as tarefas de manutenção da vida. O problema, porém, era o cérebro. Um novo médico que Linda contratara por conta própria, Dr. Jamil Ahmed, tinha alguns exemplos notáveis de onde retirar um pouco de esperança. Alguns pacientes com lesões traumáticas do cérebro haviam retornado daquele estado vegetativo.

A ideia do Dr. Ahmed era que a combinação certa de neuroestimulantes poderia despertar o cérebro de Donny e restaurar a atividade onde reinavam apenas o vazio e a invalidez. O coquetel inicial de medicamentos de Donny incluía antidepressivos e uma pequena dose de um remédio usado no tratamento do transtorno do déficit de atenção/hiperatividade. Donny não apresentou pro-





**Nick, filho de Donny, visita o pai um ano após o acidente, e hoje, com o chapéu dele.**



gresso significativo, de modo que o Dr. Ahmed passou a trabalhar com uma droga usada no tratamento da doença de Parkinson combinada com vitaminas indutoras da atividade metabólica, como a B<sub>12</sub> e o

ácido fólico. Enquanto esperava os resultados, a equipe médica mantinha Donny em movimento, exercitando-lhe os músculos.

Linda, por sua vez, lutara contra a depressão e a obesidade ao longo dos anos. As noites eram o pior para ela, quando estava só.

Em 30 de abril de 2005, o sábado posterior à festa de bodas de ouro que dera para os pais, ela acordou exausta. Precisava, porém, comprar um tapete, pois mandara construir em casa um jardim-de-inverno para que Donny, quando chegasse, pudesse se sentar na cadeira de rodas e se aquecer ao sol.

Linda falou com Nick, já com 13 anos, e pegou a estrada por volta das 11 da manhã.

Agora eram cerca de duas da tarde. Donny estava sentado na cadeira de rodas no saguão do Solar Padre Baker quando, de súbito, começou a balançar as pernas com violência.



A enfermeira Jessica Mann estava de pé, perto do balcão da recepção, quando pensou ter ouvido Donny dizer algo. Não podia, contudo, ter certeza: ninguém jamais o ouvira dizer nada. Ela se dirigiu a ele. Não pôde acreditar. Donny Herbert estava falando. Suas primeiras palavras em quase dez anos – repetidas numa voz rouca e indistinta – foram: “Onde está Linda?”

Na loja em Williamsville, Linda acabara de comprar um belo tapete preto e branco e o colocara no carro. Ao verificar o telefone celular, viu que havia duas chamadas perdidas, uma do Solar Padre Baker e a outra de casa.

Quando telefonou para casa, Nick atendeu.

– A enfermeira do Padre Baker esteve à sua procura – disse ele. – Dei seu telefone celular.

– Sei, eles deixaram uma mensagem – confirmou Linda. – Estarei em casa daqui a pouco. Ela desligou e telefonou para o solar.

## **Nick sempre pensou como seria seu pai antes de ele ter sofrido aquele acidente.**

Logo Linda ouviu a enfermeira Jessica falar excitada sobre algo. Donny tinha perguntado por ela. Jessica ia entregar o fone a ele.

Linda não estava certa sobre o que esperar, e falou em voz alta:

– Oi, Don, sou eu, Linda.

– Lin, onde está você? Venha me buscar.

Linda gelou. Com certeza era seu marido quem estava falando.

– Don, onde você está?

– Estou na Melrose, 182 – respondeu com clareza: era o endereço da casa onde passou sua infância.

– OK, estou chegando. – Para a enfermeira, ela acrescentou: – Eu já estou a caminho.

Enquanto Linda dirigia pela autoestrada em direção a Donny, seu coração disparava, e seus pensamentos martelavam. *Será que ele ainda estará falando quando eu chegar? Isso significa que ele está melhor agora? Quanto tempo vai durar? Tenho de contar aos meninos.*

Então tornou a telefonar para o filho mais novo:

– Nick, ligue para a casa de repouso.

– O que está acontecendo, mãe?

– Seu pai está falando! Acabo de falar com ele ao telefone. Peça à enfermeira para pôr seu pai na linha. Fique conversando com ele. Vou passar aí para te pegar.



- Mas o que devo dizer? - perguntou Nick.

Linda pensou com rapidez. Lembrou-se de como Don adorava pescar, quantas vezes levava os meninos ao longo dos anos, principalmente Nick.

- Fale sobre as pescarias - disse ela, e desligou.

Segundos depois, Nick já estava ao telefone com o pai.

- Oi, pai. Sou eu, Nick.

Nick fez uma pausa. Sua garganta apertou. Durante anos tentara imaginar como teria sido o pai antes de ter sofrido o acidente.

Donny logo ficou confuso, agitado. Jessica tentou acalmá-lo, enquanto outros enfermeiros o cercavam para presenciar aquele momento.

- Não pode ser Nicholas - Donny dizia. Para Jessica, exclamou: - Este não é Nicholas... ele é apenas um bebê!

Um instante depois, Donny perguntou a Nick:

- Algum dos outros meninos está aí? Don Jr.? Tommy? Patrick? Quem está falando?

Nick respondeu com cuidado, pois não queria deixar o pai ainda mais confuso:

- No momento eles não estão.

Era só uma meia verdade. Don Jr., de 23 anos, estava na Índia, numa viagem havia muito planejada com um amigo. Ele sempre adorara viajar. Tommy, de 22, dormia no sofá. Patrick, 20, estava passando o fim de semana em casa, tendo vindo da universidade na qual cursava o terceiro ano, mas, no momento, estava na casa da namorada.

Nick prosseguiu:

- Sou eu, Nick. De verdade. O senhor sabe quantos anos eu tenho?

- Não, quantos?

- Treze.

- Minha nossa!

Nick disfarçou o riso e tentou mudar de assunto. Lembrando-se do conselho da mãe, perguntou:

- Quer dizer que o senhor gosta de pescar, não é?

- Gosto, sim - disse Donny. - Adoro.

- Que tipo de peixe?

- Não sei... qualquer um. Truta, perca...

E, assim, pai e filho começaram a falar sobre a pescaria de vários tipos de peixes no Rio Buffalo e na marina da Bacia do Erie. Nick disse que Patrick se tornara um exímio praticante de arco-e-flecha. Aos poucos Donny parecia aceitar o fato de que era realmente Nick quem estava ao telefone.

- Mamãe chegará aqui a qualquer momento. Depois iremos ver o senhor - disse Nick. - Então, agora vou desligar, tá? Logo estaremos com o senhor.

- Tá bom - disse Donny, calmamente. - Vejo vocês daqui a pouco.



- Claro, papai - concordou Nick. - Amo o senhor.

Donny respondeu:

- Também te amo.

## "Quanto tempo eu fiquei fora do ar?"

**Do lado de fora** da janela do Solar, a primavera estava a todo vapor. As árvores floresciam. A grama estava bem verde. Apesar de estar cego por causa do traumatismo craniano, Donny parecia saber que ali havia uma janela.

- Cadê a minha mulher? - perguntou à enfermeira. - Ela disse que vinha me buscar.

- Já está a caminho - respondeu Jessica, com tranquilidade. - Logo estará aqui.

Uma buzina tocou na frente da casa dos Herberts. Quando Nick viu o carro da mãe, correu para ele e entrou. No banco de trás, já estavam Tommy e a namorada, Caitlin. Patrick iria noutro carro, também com a namorada, Carrie.

- Falou com seu pai? - Linda perguntou a Nick.

- Falei - disse o caçula, ainda bastante surpreso.

- Como ele lhe pareceu? Bem? Razoável? Só um pouco diferente?...

- Não sei. Não consigo me lembrar se já o ouvi falar antes.

Na casa de repouso, Tommy e Caitlin seguiram atrás deles; Patrick e Carrie já haviam chegado. Quando Linda se aproximou do quarto do marido, seu coração disparou. Ela parou na soleira da porta, com os garotos à sua volta.

Normalmente, Donny estaria curvado em sua cadeira de rodas, cabeça baixa, olhos vítreos. Agora se achava ereto, olhos bem abertos.

- Don? - Linda chamou.

Ele gritou:

- Lin!

E ela correu para o marido que perdera dez anos antes, abraçando-o com força. Lágrimas de felicidade rolaram-lhe pela face, enquanto os meninos também choravam.

A equipe de enfermagem se reuniu na porta, estupefata. Linda sentia uma falta terrível do filho mais velho, Don Jr. Mais tarde, naquela noite, após passar a agitação inicial, ela lhe enviou um *e-mail* que começava assim: "Não sei como lhe contar isso, mas acho que presenciamos um milagre hoje."

Às quatro horas, o quarto de Donny estava cheio, à medida que as notícias sobre seu estado de saúde se espalhavam. Linda perguntara sobre o Dr. Ahmed, mas soube que ele estava viajando. Outros médicos foram chamados. Todos estavam muito cautelosos para não perturbar Donny. Ele disse saber que estivera "fora do ar" por algum tempo, mas quanto?

"Muito tempo, Don", era tudo o que Linda conseguia dizer por enquanto.

O rosto dele, magro, mas ainda bonito, passou do encanto para o desespero,





**Donny Herbert, no detalhe, ajudando o filho Nick durante sua primeira pescaria, em 1994. Acima, Linda e os quatro filhos hoje, perto de casa, também pescando.**

daí para a confusão e, em seguida, para a surpresa. Linda permanecia a seu lado, tentando tranquilizá-lo. E, por fim, avisou: “Don, alguém veio ver você. Reconhece a voz?”

Simon Manka, tio de Don, pôs-lhe a mão no ombro e pronunciou algumas palavras. Ao ouvir aquela voz amável, Don não titubeou: “Simon!...”

O quarto explodiu em gritos e risos quando os dois se abraçaram.

Então, Don indagou a Simon:

– Quanto tempo fiquei fora do ar?

Linda sinalizou para Simon que agora era a vez dele.

– Bastante tempo, amigo. Dez... anos – disse Simon, segurando as lágrimas.

Ao ouvir isso, e percebendo que estava com 43 anos de idade, Donny começou a chorar.



## Dezesseis horas seguidas de conversa

**Tommy e Patrick** revezaram-se falando com o pai enquanto Nick gravava trechos em vídeo. Volta e meia, Donny procurava por Linda. “Estou aqui”, ela murmurava.

Após anos de silêncio, Donny Herbert estava desperto e falando durante quase dezesseis horas seguidas. Ele não queria dormir naquela noite, mas, finalmente, adormeceu ao amanhecer. Dormiu a maior parte do dia e metade do seguinte.

As notícias sobre o despertar dele espalharam-se para além de Buffalo, das estações de rádio e jornais locais para a Associated Press, para os principais sites de notícia da Internet e para a televisão. Em menos de 48 horas, o mundo já sabia dos notáveis acontecimentos.

Na segunda-feira, 2 de maio de 2005, Donny animou-se de novo. Falou mais uma vez, mas bem menos do que no sábado. Falava e obedecia a comandos. Quando a Dra. Eileen Reilly, sua médica no Padre Baker, o examinou, teve a ideia de iniciar a terapia de estruturação da fala. Linda estava pronta para dar início a esses procedimentos e começou a pensar em levar Donny de volta para o Instituto de Reabilitação Lago Erie, onde ele passara dois meses após o acidente.

Na quinta-feira, 5 de maio, Don Jr. surpreendeu a família ao retornar da viagem à Índia o mais rápido que pôde.

- Sinto muito por não ter estado aqui antes - disse à mãe, ao se abraçarem, chorando na entrada da casa.

- Não se preocupe - tranquilizou-o Linda. - Você terá oportunidade de falar com seu pai.

Num acontecimento extraordinário, quando Donny se sentou naquela semana em sua cadeira de rodas, conseguiu arremessar uma bola de futebol americano - e em espirais bem direcionadas que visavam a Nick e Patrick, em meio a risos gerais. Linda maravilhou-se com a destreza do marido. *Que bela dádiva, pensou, ter Donny de volta naquelas condições.*

Quando o Dr. Ahmed, que recebera com grande satisfação a notícia, chegou para uma visita, Linda contou ao marido tudo a respeito dele. Sem uma palavra, Donny aproximou-se do médico e lhe deu um abraço, como se fossem velhos amigos.

Especialistas de todos os lugares, entre eles neurologistas, contataram Linda para expressar o interesse pela história de Don e oferecer seus serviços. Ela escolheu o Instituto de Reabilitação de Chicago. Mas, às vésperas de partir para lá, Donny caiu no quarto de casa e bateu com a cabeça. Foi conduzido às pressas para o hospital com um corte profundo que exigia pontos. Posteriormente, imagens de tomografia computadorizada revelaram hemorragia no cérebro.

O progresso de Donny, que já vinha diminuindo, estagnou de vez. Ele pas-



sou a falar com menor frequência, mas sua luta continuava visível. Em Chicago, Linda permaneceu com ele no quarto do hospital. E viu como o marido lutava, e como também estava cansado. Afinal, suportara uma terapia exaustiva, a reabilitação da fala – e nunca desistira.

Três meses se passaram. No fim do verão de 2005, Donny piorara de novo. Foi transferido para o Centro de Saúde e Reabilitação São Camilo, em Syracuse, a fim de receber mais cuidados e, então, seguir para o Solar Ridge View, em South Buffalo.

Numa noite de sábado, em meados de fevereiro de 2006, Donny contraiu pneumonia, que provocou febre, e foi levado às pressas para o hospital. Linda chamou os filhos. Quando a temperatura dele chegou aos 40 graus, Linda presentiu que o fim estava próximo. Donny recebeu a extrema-unção, e resistiu até a terça-feira.

Então, cercado pela mulher e os quatro filhos, faleceu em 21 de fevereiro, pouco após as duas da madrugada, aos 44 anos.

O funeral, realizado no sábado, 25 de fevereiro de 2006, teve um dos maiores cortejos da história atual; compareceram mais de 700 bombeiros. Praticamente todo o Corpo de Bombeiros de Buffalo formou uma guarda de honra que permaneceu perfilada por horas sob a chuva gelada, inabalável, orgulhosa por participar daquela homenagem.

## MUNDO ANIMAL

**Estava trabalhando como ‘babá’** de uma criança de 5 anos. A certa hora do dia, senti um odor muito forte, vindo da caixa de areia do gatinho. O cheiro era tão insuportável que eu não tive outra saída a não ser limpar a caixa. Enquanto eu fazia o serviço, o menino prestava atenção. Resolvi perguntar a ele, então:

– Sua mãe também faz isso?

Arregalando os olhos, ele respondeu:

– Claro que não! Isso só pode ser usado pelos gatos!

*John McNeill, EUA*

**Estendendo a sua mãozinha**, meu filho de 4 anos me fez uma pergunta que parecia bastante simples:

– Papai, que tipo de inseto é esse? – disse ele, me mostrando o que tinha encontrado.

– É uma joaninha – respondi.

– Uau! – ele disse, impressionado. Como você conseguiu enxergar que é fêmea?!

*Lennart Hallke, Sr.*

